

Tipologia bíblica e semiotização no discurso teológico

Biblical typology and the semiotization in the theological discourse

Mário Acrísio Alves Junior¹
Jarbas Vargas Nascimento²

Resumo: O artigo focaliza o fenômeno da tipologia bíblica em uma perspectiva discursiva, considerando sua materialização linguística na Escritura e, logo, a consideração dos tipos como evidências que denunciam a relação entre os dois grandes eixos da Bíblia Sagrada conhecidos como Antigo e Novo Testamento. O percurso a ser trilhado compreende exposição teórica, a partir da qual se recuperam a definição teológica para a tipologia e os conceitos e categorias da teoria Semiolinguística para, em seguida, proceder-se a uma amostra de análise que demonstre o processo linguístico-discursivo de significação de um tipo em função das circunstâncias de produção. A análise sustenta a hipótese de uma semiotização prospectiva do mundo, operada pela inscrição do tipo de Cristo no antigo testamento bíblico e seu correspondente revelado no contexto neotestamentário. Confirma-se, ainda, o fenômeno em apreço como evidência discursiva que advoga em favor da estreita relação de correspondência entre os dois grandes conjuntos de textos que constituem o discurso teológico bíblico.

Palavras-chave: tipologia bíblica; tipo; discurso teológico; semiotização.

Abstract: This paper focuses on the phenomenon of biblical typology in a discursive perspective, taking into account how they are presented in its linguistic aspect in the Scripture and, thus, considering as evidences the links between its two major axes of the Holy Bible, the Old and the New Testament. The path to be followed comprises theoretical exposition, from which the theological definition for the typology and the concepts and categories of the Semiolinguistic theory are retrieved, and then proceed to a sample analysis that demonstrates the linguistic-discursive process of meaning of a type depending on the circumstances of production. The analysis supports the hypothesis of a prospective semiotization of the world, operated by the inscription of the type of Christ in the biblical Old Testament and its correspondent revealed in the New Testament context. The phenomenon in question is also confirmed as discursive evidence that advocates for close relationship of correspondence between the two large sets of texts that constitute the biblical theological discourse.

Keywords: biblical typology; type; theological discourse; semiotization.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: marioalwes@hotmail.com.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: jvnfl@yahoo.com.br.

Introdução

O presente artigo visa a uma contribuição a propósito do fenômeno da tipologia bíblica a partir de uma perspectiva dos estudos do discurso. O pressuposto de base para essa empreitada é o de que os tipos bíblicos, antes de serem considerados como categorias teológicas, normalmente apresentados nos manuais de hermenêutica bíblica, são categorias de linguagem, sendo relevante estudá-los como um fenômeno discursivo, cuja ocorrência é particularmente observada no discurso teológico.

Acredita-se que estudar fenômenos teológicos sob a ótica dos estudos do discurso no quadro da linguística contemporânea é uma eficiente via de investigação por diferentes razões. Primeiramente, por conta do interfaceamento entre a linguística e a teologia, indubitavelmente uma produtiva forma de se colocar em contato esses diferentes campos, permitindo, assim, a construção de novos conhecimentos e de ricas possibilidades de compreensão de algumas das mais relevantes dimensões que atravessam a humanidade: a linguagem e a fé no transcendental.

Em segundo lugar, pode-se afirmar que a linguística do discurso, aquela que começa a ganhar notoriedade nos anos 1980, com a expansão dos estudos enunciativos e pragmáticos, não apenas possibilita contribuir metodologicamente com disciplinas teológicas clássicas como a hermenêutica e a exegese bíblicas, mas acredita-se que as vertentes discursivas permitem avanços nas propostas de leitura e análise, quando comparadas aos paradigmas mais conservadores de compreensão dos fenômenos da linguagem.

Nesse sentido, o princípio que norteia este trabalho é o de que a análise do discurso, por ser considerada via de acesso da linguística do discurso a outras áreas do conhecimento, o que possibilita uma diversificada gama de estudos de interface, fornece elementos que podem auxiliar o leitor e o estudioso do texto bíblico nas atividades analíticas e interpretativas. No amplo universo da Análise do Discurso, a vertente que orienta esta proposta é a Teoria Semiollingüística do Discurso (Charaudeau, 1992, 2005, 2008), a partir da qual vislumbram-se conceitos e categorias que irão compor a plataforma teórico-metodológica de base para a realização do presente estudo. Além da semiollingüística, serão também retomadas algumas proposições de teóricos da hermenêutica, tanto em sua versão tradicional, como conjunto de categorias de interpretação do texto bíblico, quanto em seu redimensionamento dentro de certas posições filosóficas (Ricoeur, 2007; Schleiermacher, 2015; Smith, 2021).

Delineadas as motivações e a trilha investigativa a se percorrer, é necessário ter-se em vista a finalidade deste trabalho: objetiva-se examinar o fenômeno denominado tipologia bíblica sob a hipótese segundo a qual a tipologia corresponderia a uma evidência discursiva que advoga em favor de uma relação de correspondência e de completude entre os dois blocos

discursivos do discurso teológico popularmente conhecidos como Antigo Testamento e Novo Testamento. Dessa forma, antes de se relacionarem dicotomicamente, como discursos em oposição, Antigo e Novo Testamentos assumem juntos a constituição da totalidade do discurso teológico.

Dados os elementos que fundamentam esta proposta, o presente artigo segue, após esta introdução, com algumas considerações teóricas a fim de: situar a hermenêutica como matriz interpretativa teológica; explicar em que consiste o fenômeno da tipologia bíblica; e resgatar alguns conceitos e categorias da teoria semiolinguística do discurso, os quais se mostram produtivos em uma concepção discursiva do fenômeno em apreço. Após esse percurso teórico, segue-se com uma análise de um tipo bíblico em sua concretização no discurso neotestamentário, a fim de demonstrar o processo de semiotização do real porvir, bem como com o intuito de argumentar em favor da hipótese ora enunciada.

Considerações iniciais

No escopo do recorte teológico que se ocupa das matrizes de interpretação da Sagrada Escritura, a tipologia bíblica ocupa um lugar consagrado, juntamente a outros fenômenos e processos figurativos e simbólicos de expressão. Tais elementos são comumente elencados no rol das estruturas retóricas de significação conotativa, tais como as metáforas, as parábolas e as alegorias, no interior de um grupo de disciplinas teológicas composto pela homilética, pela exegese e, especialmente, pela hermenêutica.

Enquanto a homilética prioriza um conjunto de métodos e técnicas para a exposição eloquente de uma homilia, a exegese e a hermenêutica focalizam precisamente a dimensão interpretativa do texto bíblico, sendo que, se por um lado o exegeta se detém nos aspectos etimológicos e gramaticais das palavras, bem como da situacionalidade histórica de produção de determinada porção da Escritura, o hermeneuta, igualmente focado nas questões linguísticas, históricas e sociais, se posiciona, ainda, como intérprete-mensageiro. De fato, as origens do termo *hermenêutica* parecem justificar esse traço distintivo do estudioso ou praticante da hermenêutica. O radical *herme_* é uma referência a *Hermes*, divindade da mitologia grega que, entre outras atribuições, exercia a função de mensageiro dos deuses do Olimpo.

Vê-se, pois, que a maior distinção entre as vertentes teológicas supramencionadas reside no papel desempenhado por quem se debruça sobre o discurso teológico, quer seja ele exegeta, quer seja um hermeneuta. Ainda assim, é preciso considerar que essas diferentes disciplinas interpretativas do campo teológico, no fim das contas, acabam produzindo regras de leitura sobre o texto bíblico, sempre buscando engessar sua hipótese sobre um determinado fragmento

bíblico como sendo ela sua leitura inequívoca. É preciso considerar, contudo, que o sujeito interpretante a quem um intérprete-mensageiro (hermeneuta) se dirige não é um ser passivo, um *receptor-recepiante* de informações mediadas, mas, antes, a um sujeito responsivo, capaz de construir suas próprias possibilidades de leitura, nem sempre coincidentes com as intenções da instância de produção.

A propósito da hermenêutica, é preciso lembrar que não se trata apenas de um conjunto aglomerado de técnicas e regras para orientar a atividade de leitura e interpretação dos textos. De fato, essa concepção tem sua razão de ser, já que a prática interpretativa já era corriqueira dentro do próprio texto bíblico. Exemplo disso é a ordem divina dada ao líder Josué, quando é admoestado a meditar nas palavras da Lei *de dia e de noite*. Com o passar do tempo, juntamente com outros domínios de influência como o jurídico, a hermenêutica passou a exercer domínio como matriz interpretativa de textos canônicos. Porém, desde as reflexões de Schleiermacher, datadas do final do século XVIII e início do século XIX, sustentadas no bojo de um quadro em que interagem sua filosofia clássica e seu conhecimento teológico, a hermenêutica passa a receber um tratamento sistemático (Schleiermacher, 2015) e, assim, adquire estatuto científico, de acordo com os paradigmas epistemológicos vigentes até então.

Recentemente, ainda sob a ótica teológico-filosófica, Paul Ricoeur desenvolve um empreendimento hermenêutico segundo o qual o *dinamismo criativo* do sujeito e a *imaginação na interpretação* do discurso bíblico são atributos por meio dos quais o sujeito humano busca atribuir sentido à sua existência (Ricoeur, 2007). Na mesma esteira, Smith (2021) tem elaborado um pensamento crítico “da maneira pela qual a interpretação está associada à Queda nas tradições teológica e filosófica” (Smith, 2021, p.39). Para ele, a interpretação padece da leitura que se faz do pecado original, o qual, por sua vez desencadeou a necessidade da hermenêutica, sendo ela, a seu ver, algo a ser removido e superado pela redenção.

Ainda que se reconheça a relevância das contribuições acima mencionadas, é necessário realçar que a posição aqui assumida não é filosófica e tampouco meramente teológica, como de quem busca esgotar a interpretação de uma porção da Escritura dentro de um recorte teórico-metodológico da hermenêutica bíblica. A partir de uma perspectiva discursiva, o ponto de vista aqui conduz ao exame do processo de constituição dos tipos do Antigo Testamento bíblico, as circunstâncias de produção e a finalidade profética visada, transformando prospectivamente o real porvir revelado no Novo Testamento.

Do ponto de vista de uma linguística orientada pelo discurso, trata-se de assumir que os parceiros envolvidos em qualquer troca comunicativa interagem no seio de um *contrato comunicacional* – conjunto de normas tácitas que regulam os *possíveis interpretativos* de um

ato de linguagem, que constitui um objeto de troca entre sujeitos ativos e intencionalmente situados. Pode-se, assim, formular a proposição de que um *contrato profético* é definido por um discurso teológico organizado em torno de enunciações que apontam para revelações vindouras, e o sujeito que as interpreta o faz no cotejo entre o a enunciação profética veterotestamentária e sua correspondente enunciação efetivamente revelada no contexto neotestamentário.

Vale registrar, ainda, o que de fato caracteriza o *discurso teológico*. Ele não se confunde com o discurso religioso, já que este é, no entendimento de Nascimento (2020), fundado pelo primeiro. A partir da compreensão do conceito de *discursos constituintes*, postulado por Maingueneau (1999, 2009, 2012), para quem existem certos agrupamentos de discursos que outorgam a existência de outros, Nascimento (2020, p.34) reconhece o caráter constituinte do discurso teológico “e não do religioso, que se funda no teológico, legitimando-o em um espaço institucional”. A fim de clarear a distinção, o autor explicita sua posição:

Quero esclarecer que entendo o discurso religioso como um discurso institucional, na medida em que esse tipo de discurso propõe uma relação de poder, sustenta-se pelo controle e imposição sobre os fiéis, a fim de alcançar bens simbólicos, conforme afirma Bourdieu (1989). Para mim, o discurso religioso constitui um quadro de referência obrigatório aos posicionamentos ideológicos, enquanto o discurso teológico, ao contrário do religioso, encena particularidades enunciativas e funda-se em estruturas míticas de natureza ontológica incontestáveis, que validam outros tipos de discurso, garantindo-lhe legitimidade. Grosso modo, considero que, no domínio do teológico, a realidade primeira e última, Deus, é quem funda sua própria existência e a do Outro no/ pelo discurso. A oposição entre o discurso religioso e o teológico parece-me estar relacionada ao modo como se organizam as coisas do mundo social e à ruptura da percepção comum desse mundo, para evidenciar a transcendência da relação entre o empírico, a humanidade e Deus, fonte de fé. Trata-se, na verdade, de distinguir o transcendente e os processos de transformação socioculturais visados pela fé, ou seja, o teológico e o religioso (Nascimento, 2020, p.35).

Apoiando-se, pois, na distinção defendida pelo autor, compreende-se que qualquer pesquisador que tenha como objeto de investigação fragmentos ou a totalidade do *thesaurus* bíblico, estará sempre imerso no discurso teológico.

Definidas, então, as considerações introdutórias esboçadas até aqui, as seções seguintes apresentam os recortes conceituais e teóricos que norteiam este estudo.

Tipo e tipologia bíblica

Conforme ora exposto, a tipologia bíblica é parte dos estudos acerca dos sentidos dos símbolos nas Sagradas Escrituras. Dentre todas as formas de expressão figurativa do discurso

bíblico, trata-se, são contemplados como tipos bíblicos determinados seres animados (humanos ou não), seres inanimados, objetos, cerimônias, acontecimentos que funcionam como uma referência prospectiva. Em outras palavras, tais elementos antecipam seres e eventos a serem revelados em momento posterior. A propósito dos tipos, Lund, explica que “essas figuras são numerosas e chamam-se na Escritura sombra dos bens vindouros, se se encontram, portanto, no Antigo Testamento” (Lund, 1968, p.79).

De forma mais elaborada, Davidson (2004) parece expandir a definição levando em conta a perspectiva dos produtores do discurso neotestamentário:

A Tipologia pode ser definida como um empenho hermenêutico por parte dos escritores do Novo Testamento, como um estudo das realidades históricas da salvação no Antigo Testamento, ou dos ‘tipos’ (pessoas, eventos, instituições) os quais Deus especificamente designou para corresponder e prefigurar preditivamente os aspectos de seu intensificado cumprimento antitípico (Davidson, 2004, p.61).

As palavras acima, além de endossarem a visada profética prevista pela inscrição dos tipos no discurso teológico, sugerem ainda que tipologia e tipo, embora estejam ambas na seara da compreensão bíblica, não se confundem. No tocante, pois, à tipologia bíblica, julga-se pertinente distingui-la do tipo, postulando que, enquanto aquela se configura como um fenômeno ou como um processo de linguagem, o tipo, a figura retórica, é o signo resultante. Assim, se a hermenêutica bíblica, via de regra, focaliza muito mais o tipo, como unidade linguística e semântica, tendo em vista sua configuração verbal, o objetivo aqui é, pela via dos semiolinguística do discurso, examinar o processo que resulta não em um produto, mas em uma figura de mediação entre a *sombra* veterotestamentária e o objeto, a pessoa, o acontecimento ou a mensagem concreta desvelados no discurso neotestamentário. Vale ressaltar que tal figura é intencionalmente empregada em circunstâncias de produção determinantes para a compreensão global dos processos de constituição do discurso bíblico e dos movimentos de semiotização.

O conceito de semiotização do mundo, inclusive, é de grande contribuição aqui, pois é sustentado por uma visão de língua e de linguagem como mediadoras entre o mundo dos acontecimentos reais e o mundo significado, como se verá a seguir.

Tipologia bíblica e semiotização

Do amplo universo de disciplinas e teorias do discurso, a vertente Semiolinguística de Análise do Discurso, fundada pelo linguista Patrick Charaudeau, preconiza que a significação

discursiva é resultante da mobilização da língua dentro de um quadro situacional complexo, no qual um sujeito falante busca satisfazer a adesão de outrem à sua proposta comunicativa. Para tanto, mobiliza a língua em função de sua capacidade de veicular *crenças e conhecimentos*, que são os dois grandes sistemas de representações que se instalam no imaginário social. É a partir da materialização linguística dos saberes de crença e dos saberes de conhecimento que o sujeito, investido por uma intencionalidade, lança mão de seus atos de linguagem, objetivando colocar em curso o seu projeto de influência.

A Semiologia define-se, assim, como um quadro teórico-metodológico que considera que os atos de linguagem são produzidos por sujeitos ativos, que projetam seus discursos a partir de sua intencionalidade e de seu plano de ação sobre o outro. Prevê que o sujeito falante instala, a cada ato de enunciação, uma dada situação de comunicação que é regida por um contrato comunicacional, o qual, por sua vez, orienta tanto as escolhas e estratégias a serem mobilizadas por esse sujeito, quanto as restrições que o sobredeterminam.

Dentre os variados conceitos e a diversidade de proposições e categorias, a noção de semiotização do mundo (Charaudeau, 2005, 2008) encontra primazia no recorte teórico-metodológico aqui adotado. A semiotização se configura como uma espécie de concepção de linguagem, uma vez que contraria uma abordagem extencionista segundo a qual a linguagem é um espelho fiel do mundo. Para Charaudeau, a significação se dá pela via da semiotização do mundo, procedimento que se desdobra: por um lado, por um processo de *transformação*, o qual é mediado por um sujeito enunciador, responsável por transformar um mundo *real* em um mundo significado; e, por outro lado, pelo processo de transação, que prevê que o mundo significado pelo enunciador se torna um objeto de troca interacional juntamente a um sujeito destinatário.

Em princípio, a trajetória circunscrita pela semiologia e definida no processo de semiotização parte de um mundo real (dos acontecimentos, objetos, seres, fenômenos etc.) e resulta em um mundo dotado de significado. No caso do exame do fenômeno em estudo, empregar-se-á o conceito de *semiotização do mundo* para buscar compreender, entre outras questões, como a tipologia bíblica veterotestamentária transforma retrospectivamente o que se revelará concretamente apenas nos textos do novo testamento. Neste caso, não se trata exatamente da passagem do *real* para o significado, mas de uma relação metafórica em que o suporte tipológico veterotestamentário antecede o objeto concreto do mundo neotestamentário, como numa relação entre uma sombra e o ser ou objeto concreto a ela correspondente.

Com a meta de atingir os objetivos operacionais deste estudo sobre a tipologia bíblica, adotam-se, como instrumental analítico, as categorias de discurso, apresentadas por Charaudeau

(2005), que integram o processo de semiotização no nível das operações de *transformação* de um mundo *real* em um mundo discursivamente significado. As categorias são:

- *Seres*: decorrentes das operações de identificação/nomeação de entidades do mundo.
- *Atributos*: decorrentes das operações de qualificação e descrição dos seres em função de suas especificidades.
- *Processos*: decorrentes das ações praticadas ou sofridas pelos seres do mundo.
- *Relações*: decorrentes das conexões estabelecidas nas ações praticadas ou sofridas pelos seres.

É importante esclarecer que a identificação dessas categorias de discurso resulta da verificação do emprego de categorias linguísticas bastante conhecidas, tais como sintagmas nominais, advérbios, locuções adverbiais, verbos, locuções verbais, predicções e conectivos, dentre outros. O uso desses elementos pelos sujeitos e a consequente significação produzida revelam a articulação entre língua e discurso tão necessária em uma análise discursiva.

Análise

A análise a seguir propõe-se a demonstrar o exame de alguns atos de linguagem específicos do discurso teológico, correspondentes a uma porção da Escritura situada no Discurso Neotestamentário, na qual é tematizado um dos mais emblemáticos tipos de Cristo do Discurso Veterotestamentário: o homem Adão.

Como pressuposto de análise, considera-se que, do ponto de vista semiolinguístico, o tipo bíblico se apresenta como uma categoria linguístico-discursiva de efeito, visto que: é materializado verbalmente; é proposto por um sujeito que detém um projeto de enunciação, dentro de um quadro situacional definido; e se distingue de outras formas de expressão, tendo em vista a enunciação profética visada.

A porção selecionada para análise corresponde aos atos de linguagem 12 a 21, do discurso intitulado Carta aos Romanos, em seu 5º capítulo:

12 Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.

13 Porque até a lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado não havendo lei.

14 No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir.

15 Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos.

16 E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou; porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação.

17 Porque, se, pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão em vida por um só, Jesus Cristo.

18 Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida.

19 Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos.

20 Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça;

21 para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Nas considerações do sujeito Paulo no discurso epistolar aos cristãos romanos, é necessário, antes de se proceder à aplicação das categorias de análise, que se descreva, ainda que sucintamente, o quadro situacional mais amplo em que tal discurso fora produzido.

O discurso escrito pelo sujeito Paulo no ano 57 d.C., aproximadamente, é endereçado a uma comunidade de indivíduos, predominantemente gentios, pertencentes à igreja de Roma, um dos berços do conhecimento e da cultura ocidental e, à época, uma cidade habitada e frequentada predominantemente por pagãos, além de marcada pelo politeísmo.

A propósito do gênero em questão, trata-se de uma epístola, categoria discursiva que prevê a relação dialógica entre um Eu e um Tu, e cuja função sociocomunicacional primária é o estabelecimento ou a manutenção de contato entre esses sujeitos. Especificamente, o propósito comunicacional basilar de todo o discurso epistolar produzido por Paulo é apresentar os fundamentos bíblicos doutrinários da salvação a uma igreja que, ainda sob forte influência pagã, desconhecia tais princípios. Assim, do início ao fim, o discurso de Paulo aos romanos transita em torno de diferentes temáticas, dentre as quais, a salvação e a justificação.

Por meio de contrastes entre as tópicas lei/gracia, morte/vida, o sujeito Paulo introduz o tema Justiça de Deus, desenvolvido na sequência compreendida entre os capítulos 1 e 5. Neste ponto, mais precisamente ao final desta sequência, o sujeito Paulo conclui sua exposição acerca da justiça e da justificação, resumindo-a por meio de uma contraposição entre a iniquidade do homem e a Justiça de Deus. Para tanto, nos atos de linguagem 12 a 21 do capítulo 5, transcritos acima, Paulo resgata o discurso inscrito em Gênesis, acerca da queda da humanidade como consequência do pecado original. Com essa referência à queda, o sujeito Paulo faz menção do primeiro tipo de Cristo apresentado no discurso veterotestamentário: o homem Adão.

Antes de se configurar como tipo bíblico, no entanto, é preciso compreender, para fins desta análise, que a criação do primeiro homem, de acordo com o que é registrado no discurso teológico, possui uma finalidade de necessária compreensão. Deus, o criador, deu existência a Adão a fim de que ele fosse um *protótipo*, tendo em vista o que está registrado neste ato de linguagem do discurso Gênesis 1.26: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...]”. Logo em seguida, uma determinação é enunciada: 1.28: “E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a [...]”. Vislumbra-se aí o desejo expresso pelo próprio Deus de que o primeiro homem, um protótipo humano feito à Sua imagem, fosse reproduzido, sendo Adão o modelo perfeito.

Por ocasião da queda, relatada no capítulo 3 do discurso Gênesis, Adão deixa de ser o protótipo, o humano perfeito, o modelo a ser reproduzido. Há, desde o pecado original, necessidade de redenção, a partir da qual é essencial a compreensão da natureza tipológica da figura de Adão, já que a queda do homem justifica a execução de um plano de redenção, dando início a um percurso narrativo que tem seu ápice na concepção do novo protótipo: o homem Jesus Cristo.

Retornando ao discurso em apreço, tem-se, no recorte 14, que: “No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir”. Esta “figura daquele que havia de vir” deve ser compreendida aqui como uma forma de expressar a relação interdiscursiva entre o tipo Adão e o antítipo correspondente, Cristo e, portanto, uma amostra, dentre outras, da relação – fundada em um movimento interdiscursivo – entre os dois grandes discursos conhecidos como Antigo e Novo Testamento, sendo que:

- Na semiotização de Adão, o propósito comunicacional sugere uma *visada profética*, já que ele é apenas uma figura que antecipa simbolicamente uma pessoa posteriormente revelada – reside aí a hipótese de uma semiotização do real porvir.
- Na semiotização de Cristo, o propósito comunicacional sugere uma *visada de revelação*, já que Ele concretiza o tipo Adão não mais como figura ou sombra, mas como o real revelado.

No discurso de Paulo aos romanos, Adão não aparece como instância enunciativa, isto é, como ser de fala, mas como tipo e como tema teológico a ilustrar a contraposição *iniquidade do homem/justiça de Deus* por meio de tópicos dicotômicas como *morte/vida, lei/grça*. A partir dessa compreensão, procede-se à demonstração de como Adão e Cristo, como real figurado

(tipo) e real revelado (antítipo), respectivamente, podem ser compreendidos por meio da aplicação de categorias de discurso que comprovam os contrastes descritos acima. Veja-se, na tabela a seguir, como essas categorias se mostram operacionais para o exame dos atos de linguagem que compõem o discurso em apreço:

Ato de Linguagem 12		
<i>“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“o pecado”; “a morte”	-----
Atributos	-----	-----
Processos	[o pecado] “entrou no mundo” [a morte] “passou a todos os homens”	-----
Relações	“como...assim também”	
Ato de Linguagem 13		
<i>“Porque até a lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado não havendo lei”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“o pecado”	-----
Atributos	-----	-----
Processos	[o pecado] “estava no mundo”	-----
Relações	“porque”; “mas”	
Ato de Linguagem 14		
<i>“No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“a morte”; “Adão”	“aquele que havia de vir”
Atributos	-----	-----
Processos	[a morte] “reinou desde Adão até Moisés”	-----
Relações	“No entanto”; “até”	
Ato de Linguagem 15		
<i>“Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“a ofensa” “muitos”	“o dom” “a graça” “Jesus Cristo”
Atributos	-----	[o dom] “gratuito” [a graça] “de Deus”
Processos	[muitos] “morreram”	[o dom gratuito] “não é como a ofensa”

		[o dom] “abundou sobre muitos”
Relações	“mas”; “porque”; “se...muito mais”	
Ato de Linguagem 16		
<i>“E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou; porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“a ofensa” “um só” “o juízo”	“o dom” “o dom gratuito”
Atributos	-----	-----
Processos	[um só] “pecou” [o juízo] “veio de uma só ofensa”	[o dom gratuito] “veio de muitas ofensas para justificação”
Relações	“assim...como”; “porque”;	
Ato de Linguagem 17		
<i>“Porque, se, pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão em vida por um só, Jesus Cristo”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“a morte”	“os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça”
Atributos	-----	-----
Processos	[a morte] “reinou”	[os que recebem a abundância da graça e do dom da justiça] “reinarão em vida”
Relações	“porque”; “se...muito mais”	
Ato de Linguagem 18		
<i>“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“o juízo”	“a graça”
Atributos	-----	-----
Processos	[o juízo] “veio sobre todos os homens para condenação”	[a graça] “veio para todos os homens para justificação de vida”
Relações	“pois”; “assim como...assim também”	
Ato de Linguagem 19		
<i>“Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“muitos”	“muitos”
Atributos	“pecadores”	“justos”
Processos	-----	-----
Relações	“pela” [desobediência]	“pela” [obediência]
Ato de Linguagem 20		
<i>“Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo

Seres	“a lei” “a ofensa” “o pecado”	“a graça”
Atributos	-----	-----
Processos	[a lei] “veio” [a ofensa] “abundasse” [o pecado] “abundou”	[a graça] “superabundou”
Relações	“porém”; “mas”	
Ato de Linguagem 21		
<i>“para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor”</i>		
Categorias de Discurso	Categorias linguísticas concernentes ao Tipo Adão	Categorias de língua concernentes ao Antítipo Cristo
Seres	“o pecado”	“a graça” “Jesus Cristo”
Atributos	-----	[Jesus Cristo] “nosso Senhor”
Processos	[o pecado] “reinou na morte”	[a graça] “reinasse pela justiça”
Relações	“assim como...também”	

Comparando-se as duas colunas da direita, é possível observar o contraste entre Tipo e Antítipo, sobretudo a propósito das ações e processos associados a cada um. Quanto à categoria discursiva das *relações*, vale registrar o reiterado emprego de conectores que advogam, ora pela comparação – *como/assim também; se/muito mais; assim como/também*, ora pela oposição – *no entanto, mas, porém*, além da reincidência de conectores explicativos – *pois e porque*, cujas repetições sugerem uma visada pedagógica no discurso epistolar produzido pelo sujeito Paulo.

No caso das comparações proporcionais, como a que é enunciada no ato de linguagem 17, articulada pelo conector *se/muito mais*, fica em evidência a relação causa/efeito no contraste entre a morte produzida pela ofensa de Adão e a vida produzida pela justiça de Cristo, sendo esta superior àquela. Especificamente o operador argumentativo *mas*, cumprindo sua consagrada função de atribuir maior peso a um argumento em detrimento de outro, lança luz sobre “o dom gratuito/a graça” em contraposição à “ofensa/o pecado”, como se pode conferir nos atos de linguagem 13 e 20.

Com o propósito comunicacional de expor a doutrina da salvação a partir do contraste reiterado entre a morte e a vida e entre a lei e a graça, o sujeito Paulo lança mão da ilustração tipológica do homem Adão, como uma sombra ou uma figura do que havia de vir: o Cristo. Em outro ato de linguagem, em epístola endereçada à igreja em Corinto, a mesma relação é enunciada: “Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo” (Bíblia Sagrada, 1998, p. 861).

A estratégia de ilustrar as dicotomias em evidência por meio do contraste entre o tipo Adão e o antítipo Cristo cumpre um importante papel de reforçar uma das mensagens fundamentais mais paradoxais do discurso neotestamentário: Jesus Cristo foi fiel e obediente a Deus em um mundo já corrompido pelo pecado, ao passo que o tipo Adão não obteve igual êxito, mesmo em um mundo perfeito e não corrompido. Aos destinatários do discurso de Paulo aos romanos, reitera-se a exortação de que o exemplo de Adão não deveria ser imitado caso buscassem justificação, a qual só é propiciada mediante a fé em Cristo.

Com este contraponto entre a iniquidade do homem em Adão, produzindo morte, e a justiça que vem pela graça de Deus em Cristo, vivificando o que outrora estivera morto, conclui-se, pela análise, que os discursos do Antigo e do Novo Testamento se complementam e se correspondem, e a tipologia bíblica é uma evidência discursiva dessa relação. Assim, não apenas como conceito teológico, mas, e principalmente, como um processo passível e necessário de ser examinado à luz de estudos do discurso, o fenômeno da tipologia constitui-se como importante estratégia de construção da significação típica do discurso teológico.

Por fim, vale observar que, na esteira dos tipos humanos de Cristo, como é o caso de Adão e de outros personagens presentes no discurso veterotestamentário, que o tipo possui sempre características – experiências vividas, eventos, atributos de caráter etc. – que o assemelham a Jesus Cristo. Abel e Isaque, por exemplo, ambos personagens de destaque no discurso Gênesis, são considerados tipos de Cristo em razão do caráter fiel daquele e da entrega sacrificial do segundo. Adão, porém, é classificado como tipo, não necessariamente por analogia, já que onde ele desprezou a graça divina, Cristo, por sua obediência irrestrita, revela graça a toda a humanidade. Se por um lado, essa constatação distancia diametralmente o primeiro Adão do segundo Adão – *Cristo*, por outra perspectiva pode-se verificar que o que os aproxima a ponto de vislumbrar-se a ocorrência da tipologia está no ideal de reprodução do humano perfeito para o qual ambos foram dados à existência.

Considerações finais

Privilegiou-se, neste artigo, uma trajetória teórico-analítica capaz de demonstrar a evidência de que a correspondência entre o Antigo e o Novo Testamentos, atestada, entre outros fenômenos, pela tipologia bíblica, não se dá apenas na dimensão teológica, mas antes, e em caráter fundador, pela linguagem, visto que o conhecimento teológico e o *thesaurus* bíblico são constituídos no e pelo discurso. Por essa razão, vislumbra-se ser plausível a hipótese de que os tipos, situados entre o profético e o revelado, suscitam relações discursivas intertestamentárias.

Por fim, cabe propor que, para além do caráter demonstrativo das hipóteses levantadas, a análise acaba por abrir os horizontes para a centralidade do Cristo nas Escrituras. A natureza profética dos tipos de Cristo no discurso veterotestamentário, ao apontarem para o mundo real ressignificado pela revelação concretizada na figura de Jesus, advoga em favor da tipologia bíblica como evidência linguístico-discursiva não apenas da estreita relação entre os dois Testamentos, mas da dimensão cristocêntrica da Escritura. Dito de outra forma, sugere-se, pela perspectiva dos estudos do discurso, que a figura do Cristo é capaz de preencher espaços interpretativos em pontos nodais, do Antigo e do Novo Testamentos.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia Sagrada**. Versão Almeida Revista e Corrigida - SBB. São Paulo: Vida Nova, 1998.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. *In*: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-29.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

DAVIDSON, R. M. A natureza e identidade da tipologia bíblica: questões cruciais. Tradução de Ozeas Caldas Moura. *In*: revista **Hermenêutica**, 2004, p. 61-99.

LUND, E. **Hermenêutica**: regras de interpretação das sagradas escrituras. Tradução de Etuvino Adiers. Editora Vida, 1999.

MAINGUENEAU, D. L'analyse des discours constituants. *In*: MARI, Hugo *et al.* (org.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999.

MAINGUENEAU, D. A noção de hipernunciador. *In*: revista **Polifonia**, EDUFMT, Cuiabá, n.10, 2005, p. 75-97.

MAINGUENEAU, D. La difficile émergence d'une analyse du discours religieux. *In*: **Langage et société**, 4, n. 130, 2009.

MAINGUENEAU, D. Clareza do texto, discursos constituintes e quadro hermenêutico. *In*: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 1 - p. 11-19 - jan./jun. 2012.

NASCIMENTO, J. V. O discurso teológico como discurso constituinte. *In*: NASCIMENTO, J.V.; FERREIRA, A. **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher, 2020b, p. 34-59.

RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SCHLEIERMACHER, F. de. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. Petrópolis: ed. Vozes, 2015.

SMITH, J. K. A. **A queda da interpretação**: fundamentos filosóficos para uma hermenêutica criacional. Tradução de Valéria Lamim. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

Sobre os autores

Mário Acrísio Alves Junior (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1732-8251>)

Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015), professor adjunto do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

Jarbas Vargas Nascimento (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2002-1752>)

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1994), professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Recebido em agosto de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.